

Soltar a voz só faz bem

MARCELA BEVENGU
marcela@jornal.com.br

Piracicaba tem uma forte tradição na formação e manutenção de grupos coralísticos. A exemplo do canto orfônico – originado do francês “orphéon” –, que foi uma tradição do século 19 em quase toda a Europa, designando o coral à capela e até inspirando o Orfeão Piracicabano, criado pelo maestro Fabiano Lozano, muito aconteceu por aqui. Vários grupos nasceram e desapareceram, outros conquistaram seu lugar e passaram a ter repertório conhecido, mas pode-se dizer que todas as pessoas que estiveram – e ainda estão – ligadas aos grupos coralísticos tiveram a vida transformada.

Ao se falar em coral, muitos piracicabanos remetem suas lembranças ao Orfeão Piracicabano, grupo de canto coral criado na Escola Sud Memucci, então Escola Normal, que três anos antes, em 25 de maio de 1925, deu origem à Sociedade de Cultura Artística. O primeiro recital realizado pela Cultura aconteceu no dia 14 de julho de 1925, com os cantores do Orfeão Piracicabano, às 20h30, no Teatro Santo Estevão. Era o Orfeão naquela época o grande responsável por difundir a cultura piracicabana e com ele suas vozes.

Segundo Hélio Manfrinato, presidente da Associação de Cultura Artística – que teve seu nome modificado em 2005 –, as apresentações de coral na época do Orfeão foi o que impulsionou o crescimento da Cultura Artística. “Depois que a Cultura Artística

já tinha um certo corpo é que começaram a surgir os concertos. Seu nascimento foi exclusivamente por conta do coral”, lembra-se. Gutomar Novais, Antonietta Rudge e até Bidu Sayão cantaram por aqui.

Para retomar esse movimento, que consagrou a Cultura Artística, nasceu este ano o Coral da Associação de Cultura Artística. “Não queremos deixar aquele tempo morrer. Como a associação leve seus altos e baixos e agora esta firme na programação cultural novamente, queremos que o coral cresça”, fala. “Fizemos uma parceria com o Clube Coronel Barbosa e a maestrina responsável pelo grupo é a Sheila Matos Huslar”, conta o presidente.

TEMPOS CONTEMPORÂNEOS

Na cidade, outro exemplo de canto coral é o grupo CCP/Colégio Metropolitanano, que tem três grupos do gênero: o Infantil, “teen” e adulto, regidos pela maestrina Tânia Perticarrari. O coral é formado por associados do CCP, professores e pais de alunos do Colégio Metropolitanano. Segundo Tânia, que desenvolve um projeto social – o projeto Coral Nossas Vozes – de canto coral com crianças oriundas do Peti (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) é muito comum que os integrantes de um coro nunca tenham tido um contato anterior com a música.

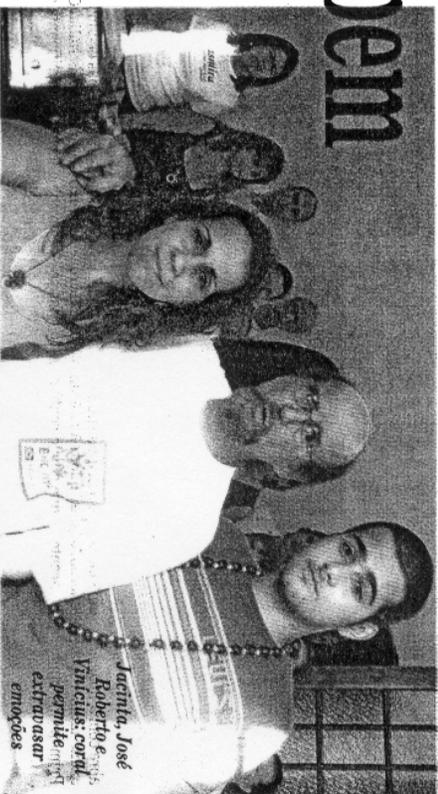
“O coral é um crescimento interno. Um espaço no qual todas as

pessoas se reúnem para produzir um único som. As pessoas que buscam a música vêem o poder transformador da arte em suas vidas”, fala Tânia. “A música é para todas as faixas etárias. Tenho alunos que participaram do coral quando crianças, saíram da escola para a faculdade e ainda continuam no nosso elenco”, fala Tânia.

A maestrina Maiti Canto, que dirige os corais Do Ré Mi POP (Faculdade de Odontologia de Piracicaba), Caterpillar e Cosm, acredita que a música seja capaz de transformar a vida dos indivíduos. “O fato de você poder se expressar por meio da arte, descobrir novas potencialidades e também estar integrado a um grupo é fantástico”, fala. “A maturação das pessoas que procuram os corais quase não tem noção musical, mas é justamente esse o nosso objetivo, ensinar música mudando a percepção musical de cada um”, fala. “A música quebra barreiras e une as pessoas”.

O coral da FOP surgiu em 1964 e depois de quatro tentativas de formação, espera-se que a que surgiu em 2007 –, por iniciativa do professor-titular do departamento de morfologia da FOP, Fausto Berzin, com auxílio de outros professores – tenha vindo para ficar. “Antigamente o coral da FOP tinha uma característica muito interessante. Arrematávamos um câmbio, colocávamos as pessoas em cima com o maestro e o piano e quem era sorteado naquela noite levava o coral para casa”, conta.

“Hoje na faculdade fazemos uma série de atividades com o Grupo de Apoio Pedagógico-



Alunos de Odontologia (Grupo) para a melhoria da qualidade de vida, e vimos na reativação do nosso coral, que é muito cênico, a possibilidade dos integrantes terem a sua emoção liberada”, fala o professor.

CORO QUE FALA

A vendedora Jacinta Mendes Gonçalves Inácio integra o coral CCP/Colégio Metropolitanano há sete anos. “Sempre gostei de música e tinha necessidade de ter contato com a arte”, fala. “No coral encontrei uma maneira de me expressar sem ser como profissional e esse coral lhe dá esta oportunidade”. Jacinta nunca tinha tido contato com a música e hoje diz que sua percepção mudou por completo. “Sou sensível para perceber qualidade, afinação e instrumentos”, conta.

José Roberto Michelazzo, consultor em recursos humanos, aponta que participa de grupos de coral desde 1965. “Minha his-

ria começou em Minas Gerais quando entrei num coral e com menos de um ano fomos convidados para cantar em Orlando. Es-tados Unidos”, relembra. “Gosto muito de cantar e até que dei entrada para entrar em um coral. Hoje a minha participação é vital. No coral (ele também integra o CCP/Metropolitanano) encontro paz e também uma oportunidade para conviver com outras pessoas”.

A visão de Michelazzo é compartilhada por Vinícius Krieger Costa Nogueira, que desde os sete anos participa do coral de sua escola. “Hoje eu estou prestando vestibular para biblioteconomia e ainda estou no coral”, fala. “A participação me ajuda com postura, respiração. E o canto para mim é um modo de expressão, uma arte em que eu transito toda a minha integração”. Para Ester Holcman, integrante do Coral Luiz de Queiroz – região pela maestrina Cintia Pinotti – há seis anos, o coral foi uma forma de se sentir em casa. “Sou natural de Vinhedo e venho de uma família de músicos. Encontrei aqui uma forma de matar a saudade”.

Não é preciso ler música, saber notas, tons ou qualquer tipo de sonoridade para se entrar em um coral. O aprendizado é gradativo, assim como explica Sueli Pereira Nunes Silva, chefe da seção das atividades culturais da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) que integra o Coral Luiz de Queiroz há três anos. “Aprendemos tudo por partes, depois ensinamos cada uma delas, e quando menos se espera, a música nasce”, fala. “No coral somos um grupo e ninguém é melhor que ninguém. A integração é fascinante”.

Sueli conta que nunca teve tempo de fazer uma atividade artística porque sempre estava nos bastidores, mas como a vontade de cantar foi maior, optou por se organizar para entrar no coral da Esalq. “O que mais me fascinou na época e o que me fez resolver entrar no grupo foi o repertório de Natal. Sempre assisti às apresentações e achava tudo muito bonito. Hoje posso me orgulhar de fazer parte desse grupo”.



*Coro do CPMetropolitano é
regido pelo maestro
Paulo Pericariari*



Coral da FOP em 1964

‘Quem canta seus males espanta’



Atual coral da FOP

Como diz o ditado popular, conhecendo música ou não, pessoas que fizeram ou ainda fazem parte de corais afirmam ter suas vidas transformadas depois de decidirem soltar a voz e a emoção por meio da música.

Página C-3.



Coral da CAT



Coral da Esalq